

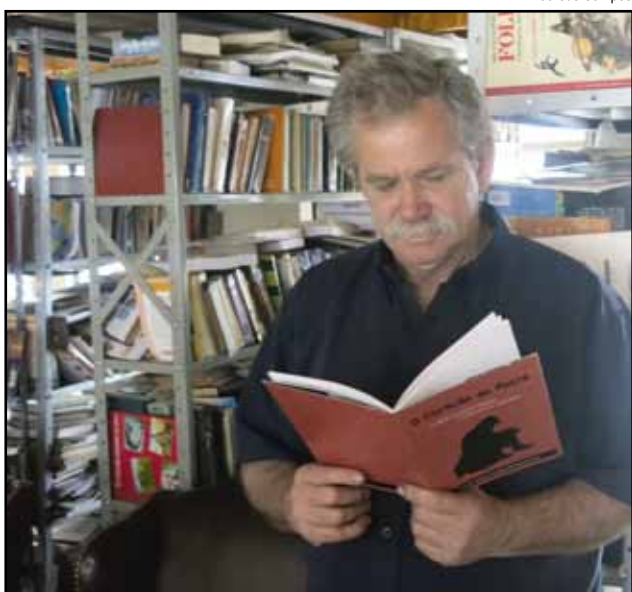
## Tecnologia a favor da medicina

Impressão 3D é utilizada como ferramenta na área médica para auxiliar pacientes com próteses e implantes. **PÁGINA 6**



## Viaduto torna-se símbolo de cultura

Música e livros auxiliam no atendimento à população em situação de rua. **PÁGINA 5**



## Mulheres passam vexame em presídios

Em visitas a detentos, elas são obrigadas a passar por revista íntima e sofrem constrangimento. **PÁGINA 7**

## Haitianos enfrentam preconceito em SP

Mais de 130 mil pessoas buscam refúgio após o terremoto que destruiu o Haiti. Imigrantes vivem e trabalham em condições precárias, mas ainda enxergam no Brasil uma esperança para recomeçar. **PÁGINA 3**



## Mais celulares do que brasileiros

Em 2015, País deve atingir o número de 256 milhões de celulares. **PÁGINA 8**



## Novidades no curso Melhor Idade na FAPCOM

Com disciplinas voltadas às áreas de Humanidades, Comunicação e Tecnologia, curso tem renovação. **PÁGINA 11**





# PENSAR A COMUNICAÇÃO

Pe. Valdir José de Castro  
Diretor da FAPCOM

A comunicação é um processo de interação fundamental para a sobrevivência. O desejo de comunicação é tão intenso no ser humano, que ele desenvolveu uma variedade de tecnologias que facilitaram os contatos. A cultura contemporânea é marcada pela proliferação de instrumentos eletrônicos e digitais que permitiram as conexões em rede, romperam as noções de tempo e espaço e contribuíram para a construção de um mundo cada vez mais globalizado.

No entanto, não basta entrar no movimento contínuo de apertar botões e teclas. Nem sempre a intensidade de contatos tem a ver com a qualidade das relações humanas. É preciso também “pensar” a comunicação e ver até que ponto ela, de fato, está colaborando para uma melhor qualidade de vida.

Como Instituição de Ensino Superior, a FAPCOM acredita que um profissional da área de comunicação, capacitado para o mundo do trabalho, é aquele que não somente domina as novas tecnologias que lhe dão suporte logístico, mas também “reflete” a comunicação e age nesse universo com humanidade e ética. A Filosofia, nesse sentido, é caminho imprescindível para atingir tais objetivos.

No ano do centenário de fundação da PAULUS, a FAPCOM renova o seu compromisso com uma formação que busca integrar Comunicação, Filosofia e Tecnologia. A relação desses três campos do conhecimento é fundamental na formação do profissional, seja para o seu crescimento pessoal, seja no desafio de melhorar as condições de vida da sociedade.

## O esforço para compreender

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito  
Pró-Diretor Acadêmico da FAPCOM

Há quem diga que o efêmero tem mais espaço em nossas falas do que assuntos duradouros. Até a expressão de Lipovetsky, O Império do Efêmero, tornou-se banal. Ocorre que a realidade é complexa. Não é uma frase de efeito que resolve problemas. Daí a necessidade de leitura do mundo. Ler exige esforço.

A pensadora Hannah Arendt durante sua vida buscou ler e compreender os eventos que marcaram o seu tempo, o século XX, século que o historiador Eric Hobsbawn assinalou como a Era dos extremos. A primeira década do século XXI, porém, não tem sido muito diferente.

Diante dos horrores provocados pelos regimes totalitários, Arendt observou que o fenômeno não poderia ser entendido por meio dos conceitos tradicionais como esquerda e direita, por exemplo. De acordo com a pensadora, compreender significa encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.

Nessa difícil tarefa, Arendt examinou a “corrente subterrânea” da História e investigou como e por que foi possível o surgimento de sistemas políticos que transformaram milhares de seres humanos em “objetos” sem valor. Uma resposta a essa inquietação é a de que a

ideologia dos sistemas deixou os homens desprovidos de uma política eficaz que assegurasse o direito à liberdade. O conceito de liberdade é central na concepção política da autora.

Na obra Origens do totalitarismo, Arendt apresentou o resultado de sua tarefa de “compreender o impensável” e vislumbrar a possibilidade de uma eficiente ação política, a qual fosse capaz de impedir o reaparecimento de algo semelhante ao Nazismo no futuro.

O pensamento arendtdiano, fundado sobre a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se por uma busca pela dignidade da política. Isso ela fez sem se prender a uma única corrente de pensamento. A ação política, segundo a autora, se apresenta como a relação entre-homens: no espaço da convivência. São os homens mesmos que constroem este espaço, na liberdade. Eles deixam as suas próprias “marcas” no terreno da História: terreno dos acontecimentos. O contrário disso seria a perda total do “senso comum”, isto é, da capacidade de perceber o que se passa na comunidade.

O legado de Arendt pode nos ajudar a pensar a política hoje. Para tanto é importante visitarmos os clássicos, de modo que não tateemos na superfície.

## Estamos crescendo

Profª. Joana Puntel  
Coordenadora do curso de  
Jornalismo da FAPCOM

Vincular o crescimento e o desenvolvimento de uma pessoa é, também, alegrar-se pelas ações que afloram como fruto do crescimento. Alegrar-se porque tais ações são consequência de um amadurecimento que contém a satisfação da conquista.

Assim, também, nosso jornal laboratório FAPCOMUNICA vai crescendo, amadurecendo, consolidando esforços de professores e alunos que se exercitam na redação jornalística e se preparam para serem os profissionais de amanhã. O mercado é exigente, complexo, permeado pelas novas linguagens das diferentes mídias. Em todas elas, porém, reside a plataforma fundamental do “saber escrever”.

Nosso jornal é de laboratório, mas estamos crescendo. Também nas pautas, nos conteúdos, nas ilustrações. Estamos ajudando criar consciência, também, sobre os direitos humanos, meio ambiente, “questos legais” importantes para a discussão que vai além da informação à sociedade. É bom tentar descobrir esses valores, nesta 3ª edição do FAPCOMUNICA.

FAPCOMUNICA

ANO 1 - NÚMERO 3 - DEZEMBRO DE 2014

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO  
Rua Major Maragliano, 191  
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)  
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500  
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Valdir José de Castro  
Pró-direção Acadêmica: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito  
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda  
Coordenação do curso de Jornalismo:  
Profª. Joana Puntel

Conselho Editorial:  
Prof. Claudenir Modolo Alves  
Profª. Marcia Regina Carvalho da Silva  
Prof. Vanderlei Postigo  
Prof. João Elias Nery  
Prof. Sergio Nesteriuk Gallo  
Prof. Luis Paulo Neves

Coord. de redação:  
Profª. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315  
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:  
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546  
Revisão:  
Prof. Claudio Fatigatti  
Equipe de redação: alunos do IV Semestre de  
Jornalismo (matutino e noturno)

Impressão: Gráfica Paulus  
Tiragem: 4.000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**



# Imigração haitiana cresce em SP

Terremoto que atingiu o país em 2010 traz cerca de 130 mil haitianos ao Brasil

ANDREZZA PUGLIESI  
MÁRCIA CRISTINA

A imigração haitiana ganhou grande proporção, após o terremoto que destruiu o país caribenho, em 13 de janeiro de 2010, provocando a morte de aproximadamente 300 mil pessoas. Quase 400 mil pessoas ficaram desabrigadas.

Desde então essas pessoas buscam refúgio em outros lugares, inclusive no Brasil, e melhoria na qualidade de vida. Cerca de 130 mil haitianos já migraram para cá desde 2010. A principal porta foi o Acre e o Paraná.

## Legalização

Assim que chegaram, foram orientados a procurar a delegacia da Polícia Federal, solicitando refúgio. Um protocolo preliminar garante os mesmos direitos que cidadãos brasileiros, como saúde e ensino. Além disso, podem tirar carteira de trabalho, passaporte e CPF.

Após esse processo inicial, a documentação segue para o Comitê Nacional de Refugiados (Conare) e para o Conselho Nacional de Imigração (Cnig), que decidem se irão conceder a residência permanente em caráter humanitário, com validade de até 5 anos.

## Trabalho

Além dos costumes serem diferentes, o trabalho também é. Espalhados por diversos pontos de São Paulo, como os bairros de Santa Cecília e Centro, eles revendem fones de ouvido, acessórios para celular e relógios falsificados, entre outras coisas.

“Lá a gente trabalha, trabalha, trabalha e não ganha nada. Aqui no Brasil a gente trabalha e consegue ganhar alguma coisa”, diz um haitiano de 25 anos, que prefere ser chamado de Papa. Está há dois anos em São Paulo, e trabalha como ambulante no centro da capital.

Questionados sobre como recebem os produtos, e quem controla a venda e o pagamento, grande parte dos entrevistados preferiu não falar. “Eu ganho parte do produto que vendo. Se eu não vender... Posso me complicar se eu te falar”, diz um haitiano de 24

anos, que prefere não se identificar, e está há 4 meses no Brasil.

Além disso, a construção civil tem se interessado pelos haitianos, já que a mão de obra é mais barata que a brasileira.

Segundo pesquisa da Rede Brasil Atual, das 482 empresas que divulgaram vagas de emprego na ONG “Missão de Paz”, apenas 78 ofereciam condições básicas de trabalho, como salário.

O padre Parise, diretor da ONG, relatou em entrevista à Rede sua insatisfação. “Não é um coitadinho: é uma pessoa que tem todo o direito de viver como um cidadão brasileiro. E não se trata de fazer caridade! Ele precisa de trabalho e a empresa precisa de trabalhador”.

## Dificuldades

Além de deixar a família, os haitianos enfrentam também uma mudança na rotina. “É muito complicado, porque têm muitas coisas que costumamos fazer no país e aqui essas coisas são consideradas crime, como envolver-se com outras mulheres, mesmo elas sendo casadas, e bater nelas sem sermos punidos”, diz Widmayer Napoleon, 24, que está há três anos no Brasil.

## Otimismo

Mesmo diante dos problemas, os haitianos enxergam um novo recomeço. Muitas vezes, são ajudados por brasileiros. Marcelo Siqueira, 42, estendeu a mão a um haitiano no supermercado próximo à sua casa. “Em uma manhã de domingo, Vílio Novembre me ligou dizendo que estava sem comida. Ele ganha R\$ 900 e paga R\$ 700 de aluguel. Fui à sua casa, levamos (a ele e à mulher) comida e os trouxemos para almoçar na nossa casa.”

O Brasil oferece pequenas oportunidades. “Eu estou muito satisfeito com o que eu já consegui realizar durante os três anos que eu já passei aqui. Eu acho que o Brasil é um país que oferece muitas oportunidades aos jovens que neles vivem. Eu resolvi ficar aqui porque tenho condições de realizar meus sonhos”, acredita Widmayer Napoleon.



Haitianos trabalham como ambulantes no centro de São Paulo

## Serviço secreto “verde e amarelo” é pouco aproveitado pelo governo

LUDMILLA FLORÊNCIA  
WESLEY SILVA NETO

Os serviços secretos são instituições existentes em quase todos os países do mundo. Embora muitas de suas atividades, por razões óbvias, não tenham divulgação pública, espera-se que operem sob supervisão rigorosa do Poder Executivo e estejam submetidas aos controles dos poderes Judiciário e Legislativo.

Segundo os dados divulgados pelo jornal The Guardian, a CIA (Central Intelligence Agency) espionou no Brasil 2,3 bilhões de telefonemas e mensagens apenas em janeiro de 2013, inclusive informações do e-mail pessoal e do celular da presidente Dilma Rousseff.

O interesse americano no Brasil gira em torno dos cabos transatlânticos que saem pela costa brasileira, responsáveis pela transmissão via telefones e internet pelo mundo. Segundo a Casa Branca, o País é uma central importante na transmissão de dados e seria fundamental fiscalizar para detectar qualquer ameaça terrorista espalhada pelo mundo. O programa usado para esta tarefa foi desenvolvido por Edward Snowden.

Edson Antônio Frazão, 45, trabalha como detetive particular e comenta em quais circunstâncias espionagem é legal: “Você só pode investigar amparado pela Justiça. A investigação limpa de um detetive só pode acontecer em



Escritório da Abin funciona no prédio do Ministério da Fazenda

espaço público. Fora isso, só com mandato policial”.

## Nossos espões

A ABIN (Agência Brasileira de Inteligência) recebe R\$ 527,7 milhões anuais para quitar o salário de 1800 funcionários, e tem como função proteger o Estado Nacional de agressões externas e informar a Presidência diariamente sobre questões de segurança e outros interesses. Já o governo americano investe R\$ 481 bilhões na CIA, sustentando um quadro de 200 mil funcionários.

Não há nenhuma ligação partidária, política ou sindicalista com algum órgão ou pessoas específicas. A meta é alertar qualquer tipo de fato que comprometa o bem-estar dos cidadãos e do País. Fábio Pereira Ribeiro, 39, é administra-

dor e oficial do Exército R2 de Infantaria, e apontou diversos problemas em nosso serviço de inteligência: “O governo brasileiro não sabe o que acontece no Brasil. Faltam pessoas, tecnologia e política bem definida. O Brasil parece não dar a devida importância sobre os acontecimentos internacionais que afetam o próprio país. Infelizmente o Itamaraty não conversa com a ABIN”.

A agência coloca como suas principais atividades o planejamento, a execução e o acompanhamento da ação governamental, com vistas à defesa do Estado e da sociedade. Como órgão civil da Presidência da República, a instituição não realiza tarefas por conta própria. A falta de comunicação entre a presidência e o serviço de espionagem faz com que poucas ações se desenvolvam.



# CET reajusta valor da Zona Azul em 65%

Departamento que regulamenta o trânsito não abre licitação de parquímetros; bilhete passa de R\$3,00 para R\$5,00

MARCELA COSTA  
MARCELA LUBE

Zona Azul é uma forma de sistema de engenharia de tráfego, que existe em todo mundo, geralmente nas grandes cidades, tendo por objetivo equalizar o direito dos motoristas em estacionar nos locais públicos, porque as cidades que utilizam a zona azul têm mais veículos do que vagas para estacioná-los e os motoristas são incentivados a usar o transporte público.

Em São Paulo o estacionamento rotativo pago, denominado Zona Azul foi decretado em 30/12/1974, para promover na capital a rotatividade das vagas existentes, disciplinar o espaço urbano e permitir uma oferta maior de estacionamentos. A operação teve início em 13/01/1975 e contava com cinco mil vagas em toda a cidade.

No ano de 2009 houve um reajuste de 1,80 reais para 3,00 reais, e no mês de agosto de 2014 o aumento foi de 3,00 reais para 5,00 reais, o talão sai por 45,00, porém o motorista só pode ficar com o carro estacionado na vaga por 2 horas. O talão para estudante é de 58,20 reais, a taxa cobrada mensalmente para moradores é de 93,15 reais. Os motoristas de caminhão que quiserem estacionar em áreas de pedestres devem comprar o talão por 275,00 reais e podem permanecer no local por 30 minutos.

No mês de janeiro de 2014, a CET informou que, até o final de fevereiro, iria começar o processo de licitação para a instalação de parquímetros na cidade, mas isso não ocorreu. Em julho foi anunciado que o valor do bilhete da Zona Azul passaria de R\$3,00 para R\$5,00, mas o impasse foi a falta de talões nos postos autorizados de venda.

Para os usuários, o maior problema da Zona Azul é que o pagamento da taxa não assegura os automóveis de possíveis problemas que podem vir a ocorrer,

por exemplo, depredações, roubos, situações climáticas que gerem algum dano ao carro.

“Acho o reajuste abusivo, principalmente por causa do valor da elevação de preço”, diz Gabriel Prado, 30 anos, jornalista e usuário das vagas públicas para carro.

“Muito elevado o reajuste, muito acima da inflação e raramente eu uso a zona azul”, segundo Rafael de Souza, 40 anos, vendedor, dono da banca Aurélio que é um dos postos autorizados”.

“Acho o valor da Zona Azul um absurdo, por dois fatores: primeiro que não há segurança do veículo estacionado na rua, depois porque há um tempo limite que o veículo pode ficar estacionado em determinado local. Para mim, alguns lugares da cidade, por exemplo aqui (Parque do Ibirapuera) deveriam ser de graça, já que as pessoas estão buscando lazer”, de acordo

com a opinião de Vinicius Maciel, 30 anos, empresário.

Segundo a Companhia de Tráfego, desde 2009, não havia um aumento no preço do setor, por isso o valor estava defasado, o que justifica o salto em 60%.

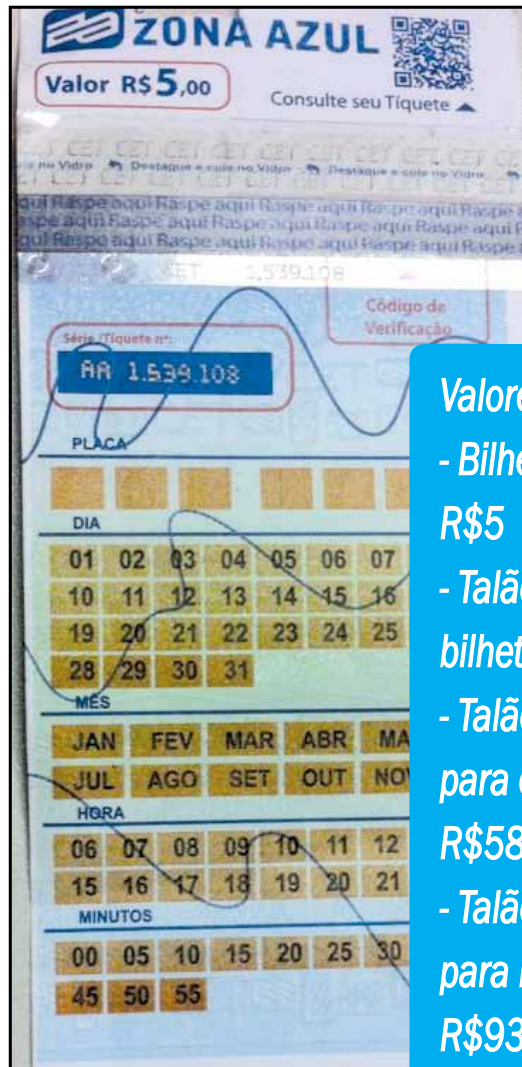
Em nota, a CET informou que não há muita relação com a criação das ciclofaixas. O que tem ocorrido é excluir algumas vias da área da zona azul para criação das ciclofaixas, pois elas estão no mesmo espaço (faixa da direita das vias).

Quando ao planejamento e orçamento previsto para o ano seguinte, o índice é sempre pela média de venda e arrecadação do último ano. Para 2015 deve aumentar um pouco a venda de talões, pois como a cidade está crescendo comercialmente muito fora do centro, estão sendo criadas novas áreas de Zona Azul e, logicamente, com aumento do preço de R\$3,00 para R\$5,00 também aumentará a arrecadação. A média é de 200.000 talões/mês que deve aumentar e o valor arrecadado, aproximadamente nos anos anteriores, foi de R\$60 milhões. Em 2015 por conta do aumento

da folha (65%), o valor aproximadamente será de R\$100 milhões.

Sobre os talões que não foram entregues, a gráfica que tem contrato via licitação com CET tem uma capacidade máxima e por contrato disponibiliza certa quantidade de talões o que foi superado. A gráfica não tem nenhum lucro a mais por conta disso, independente do valor do talão, o valor pago pela CET é o mesmo e o problema foi devido aos comerciantes credenciados ou não que por terem segurado seu produto teve este problema de desabastecimento, pois após autorização do reajuste, tudo voltou ao normal.

Marcella Lube



Novo cartão bilhete de estacionamento de Zona Azul, agora com o valor de R\$5

Valores Zona Azul  
- Bilhete unitário:  
R\$5

- Talão com 10 bilhetes: R\$45

- Talão mensal para estudante: R\$58,20

- Talão mensal para moradores: R\$93,15

- Talão mensal para caminhão: R\$275

## Economizar é chique e sustentável

Número de negócios que vendem roupas usadas subiu 210% em cinco anos

ANA GALANTE  
SABRINA S. SANTOS

Renovar o guarda-roupa por meio da troca ou venda de peças de roupa em perfeito estado de conservação. Aliar economia doméstica à preocupação com os recursos naturais. E ainda contar com a probabilidade de apresentar um armário que pareça “exclusivo”, pela raridade das peças. “Uma vez comprei um colete lindo, provavelmente bem antigo e no bolso achei um bilhete de metrô de Paris. Pesquisei um pouco e descobri que é uma marca francesa que faliu há uns 15 anos. São roupas únicas, então não costumo passar por aquelas situações em que tem alguém com uma roupa igual a mim”, lembra a consumidora Luana Komatsu, 16.

Para Vanderlei Postigo, 48, coordenador do curso de Propaganda e Marketing da FAPCOM, o brechó “não é lugar de coisa velha”, mas sim uma “nova possibilidade de compra, de novo marketing.” A exclusividade é um diferencial importante ofertado pelos brechós, acrescenta o especialista.

De acordo com dados do Sindicato dos Brechós, esse segmento movimenta, em média,

R\$ 5 milhões por ano. Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) mostram que as empresas que comercializam artigos usados cresceram 210% em cinco anos. Estima-se que os negócios ligados à venda de usados passaram de 3.600 para mais de 11.400 entre 2007 e 2012, sendo São Paulo o Estado onde se concentra a maior parte das empresas do ramo. São 4.141 formalizadas, segundo o SEBRAE.

Para a jornalista especializada em sustentabilidade, Patrícia Saito, 35, ainda há desafios para o setor: “profissionalização do negócio, a criação de uma cultura de consumo em brechó e encontrar peças de época”. Chiara Gadaleta, 32, ex-modelo e consultora de moda sustentável, diz que é preciso oficializar os estabelecimentos, criar associações e critérios para que a proposta dos brechós possa se desenvolver.

O brechó também é uma alternativa de empreendedorismo. É o caso de Ricardo, 50, só-

cio do brechó “Mimos e Fricotes”, que há 13 anos entrou no ramo. Após sofrer dois assaltos em outra loja que administrava, ficou sem mercadorias para abastecer o estabelecimento e recorreu à ideia de transformá-lo em brechó, substituindo as roupas novas e caras por outras usadas e mais baratas.

Já Valdenice Lopes, 46, dona do brechó “São Luis” há dois anos, relata dificuldades para vender as peças. “Precisava de um meio de trabalho, então decidi montar um brechó. Tem dia que eu consigo vender, tem dia que não. A maioria dos bazares é beneficente, o meu não, ele é para minha sobrevivência”.

A classe média tem aderido cada vez mais aos brechós em busca de produtos sofisticados a preços módicos. “Eu encontro em brechós roupas que jamais encontraria em lojas por aqui, com história, com vida”, afirma a consumidora Luana.

Felizmente, para além das oscilações dos indicadores econômicos, o conceito trazido pelos brechós conquista cada vez mais os armários dos brasileiros.

“Não há segurança do veículo estacionado e ainda tem a limitação do tempo permanência.”

(Vinicius Maciel, empresário)

“Um brechó pode ser uma surpresa a cada arara.”

(Patrícia Saito, jornalista)



# Projeto resgata vidas em viaduto

Moradores de rua são beneficiados por ações que incluem cultura e alimentação

**MATHEUS CAMPOS**  
**RAILSON NOBREGA**

Na capital paulista, os espaços embaixo dos viadutos geralmente são vistos como áreas degradadas e, até mesmo, como sinônimo de perigo, devido à alta criminalidade e pontos de droga que se instauram nesses ambientes. Viadutos e pontes também são locais adotados como abrigo por gente em situação de rua.

Só em São Paulo, há em torno de 14 mil pessoas vivendo nessas condições, segundo o último censo da População em Situação de Rua, de 2011, da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.

Esses números e o descaso da sociedade e do poder público levaram Robson Mendonça, 64, ex-morador de rua, a criar o Movimento Estadual da População em Situação de Rua, que desenvolve projetos de inclusão. Um deles é o “Resgatando Vidas através da Música”, na área sob o Viaduto Major Quedinho, no centro de São Paulo, que visa à assistência social, cultu-

ral e educacional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade – a maioria deles, usuários de crack –, por meio da inclusão e da profissionalização.

## Projetos

Há um decreto que regulamenta leis para cessão de uso das áreas localizadas nos baixos das pontes e viadutos municipais. Trata-se de uma concessão que pode ser viabilizada junto às subprefeituras para o uso dessas áreas por ONGs ou Projetos que tenham como viés a inclusão social.

O projeto também conta com a ajuda da Ordem dos Músicos do Brasil. “Sempre tive apoio desse pessoal [OMB] em outros projetos também, como o da Sopa de Letrinhas, em que distribuimos sopa aos moradores de rua pelo centro da cidade. Toda essa iniciativa é por nossa conta. Tenho que me virar para montar o projeto completo, e conto apenas com apoio da iniciativa privada. Só tive que recorrer à Subprefeitura da Sé para disponibilizar o espaço, nada mais”, conta Robson.



Espaço sob o Viaduto Major Quedinho, fechado para reformas

A estratégia de Mendonça nesse projeto é iniciar a integração desses jovens desabrigados com a música. “A partir desse caminho, aos poucos, podemos levá-los a outros, como a alfabetização”, explica. Cerca de 40 jovens usuários de droga e ajudados por Robson foram atraídos para participar das atividades do projeto de música, que está parado por problemas de infraestrutura.

Além dessas iniciativas, Robson Mendonça também é respon-

sável pela Bicicloteca: uma biblioteca itinerante que empresta livros gratuitamente. O público-alvo são pessoas em situação de rua, embora qualquer um possa ter acesso ao empréstimo. Com a ajuda de doações, conduz pessoalmente o triciclo com capacidade para 150 quilos de livros, que tem facilidade de acesso frente ao trânsito caótico de São Paulo. Também colabora com o trabalho das comunidades que já atuam com cultura e inclusão social por meio da leitura.



“Eu gostava e tinha vontade de ler, mas biblioteca era difícil, porque o pessoal levantava da mesa, pois antes eu também era morador de rua, ninguém queria ficar perto de mim. Eu não podia nem retirar um livro, porque não tinha comprovante de residência. Isso tudo era difícil”, lembra.

# Hemocentros focam em novos doadores

Pró-Sangue promove campanhas e consegue manter os estoques equilibrados em períodos festivos

**JACQUELINE BORGES**  
**JENIFFER NORONHA**  
**THAIS BORGES**

Em época de festas e férias é comum as pessoas viajarem e se divertirem para esquecer as preocupações, e adiam atividades como a doação de sangue. Nesse período, há também um aumento no número de acidentes de trânsito, o que diminui em até 20% os estoques de bolsas de sangue, segundo a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Para mudar o quadro das baixas doações de sangue, a equipe de comunicação da Pró-sangue realiza campanhas para incentivar a doação. “Para nossa surpresa, o movimento aumentou depois do final da Copa do Mundo, e fazia tempo que nós não tínhamos uma coleta tão boa assim: foram 6710 bolsas em julho, o melhor mês do ano”, afirma Sandra Camargo Montebello, 56, especialista em hematologia e hemoterapia.

Um dos motivos que elevam o número de bolsas de sangue é a fidelidade de alguns doadores, como o estudante José Enrico, 19, que

doou três vezes, mas pretende voltar após o intervalo mínimo de 60 dias (para homens). “Como quero fazer tatuagens, eu preciso doar o máximo possível de vezes antes disso”, diz.

É comum após a primeira doação a pessoa voltar, como Nathalia Barreto, 20, estudante que acompanhou uma amiga ao hospital e teve a oportunidade de doar. Agora ela espera apenas pelos 90 dias (no caso das mulheres) para se fidelizar à ação. “Estávamos esperando o atendimento quando surgiu um médico e perguntou quem estava acompanhando os pacientes e poderia doar sangue. Aí eu pensei ‘já que tô aqui sem fazer nada mesmo’ e fui. Doe e foi bem tranquilo”, comenta.

## Campanhas

Com uma única doação até quatro vidas podem ser salvas. Telma de Souza Paulino, 50, foi diagnosticada com anemia no período de férias, mesma época em que o número de acidentes nas estradas é elevado. Ela não teve dificuldades para receber sangue, pois campa-

nhas de captação de doadores são realizadas em períodos estratégicos. Um exemplo é a Campanha dos Bombeiros, que acontece em julho e visa o equilíbrio dos estoques.

O trabalho da equipe de comunicação reforça a importância das doações em diferentes meses e destaca a facilidade e a rapidez ao procurar o hemocentro. A duração do processo é de, no máximo, duas horas e não interfere em sua rotina. As etapas são simples: cadastro, triagem clínica (teste de anemia, verificação da pressão arterial, batimentos cardíacos, peso, temperatura e questionário sobre sua saúde), voto de autoexclusão, doação e lanche.

O voto de autoexclusão dá oportunidade àquelas pessoas que se sentem constrangidas ao responder as perguntas da triagem, que são de caráter íntimo, a abdicarem de doação após omitir uma informação importante.

Com apenas um documento original com foto, qualquer pessoa entre 16 e 69 anos pode doar sangue. A quantidade máxima por vez é de 450ml, o equivalente a uma bolsa de sangue. É necessário estar descansado e ter dormido no míni-



## Impedimentos temporários

- 🔴 gravidez nos últimos 12 meses
- 🔴 tatuagens nos últimos 12 meses
- 🔴 ingestão de bebida alcoólica nas 12 horas que antecedem a doação
- 🔴 situações nas quais há maior risco de adquirir doenças sexualmente transmissíveis: aguardar 12 meses

mo seis horas nas últimas 24 horas. Também é preciso estar alimentado, evitar alimentos gordurosos nas últimas quatro horas que antecedem

a doação e pesar no mínimo 50kg. Para mais informações, basta acessar o site da pró-sangue ([www.prosangue.sp.gov.br](http://www.prosangue.sp.gov.br)).



# Impressão 3D auxilia a medicina

Investimento na tecnologia pode chegar a US\$ 550 bilhões em 2015

FABIANA ROSA  
PRISCILLA MILLAN

Mãos robóticas para deficientes, partes do corpo humano, ferramentas cirúrgicas, ossos, órgãos. Tudo isso a impressão 3D faz para ajudar a medicina. Durante o século 20, a aparelhagem e o conhecimento técnico e científico progrediram para auxiliar o tratamento de doenças. Áreas como biotecnologia e robótica ganharam espaço e novos equipamentos foram desenvolvidos, como a impressão 3D.

Também conhecida como prototipagem rápida, a tecnologia é similar à convencional. No lugar da tinta, são utilizados no aparelho pó, gel ou filamento do material escolhido. Os cientistas acreditam que, no futuro, será possível utilizar células vivas (biotinta) como matéria-prima das peças.

O custo de fabricação e o avanço nos métodos de impressão baratearam as impressoras 3D. Na década de 1990 era preciso pagar, em média, um milhão de dólares. Vinte anos depois, há modelos por até mil dólares. O baixo custo possibilita que o equipamento seja acessível a escolas, hospitais, pequenas e médias empresas e em residências.

O cientista russo Vladimir Mironov foi o primeiro a usar

tecnologia 3D em tecidos vivos. Mironov ajudou a desenvolver, no Centro de Tecnologia e Informação (CTI), em Campinas, o Tamanduarm, braço robótico, usando a impressão de células vivas. A impressão de órgãos humanos pode ser uma solução para um problema mundial: a rejeição nos transplantes e a fila de espera. Segundo o Ministério da Saúde, em 2013, 38.759 brasileiros aguardavam pela cirurgia.

## Investimentos na área

A Organovo, uma empresa da Califórnia, em 2014, apresentou o primeiro tecido de fígado para ser usado em experiências de novas drogas. “Os modelos funcionais de tecidos humanos dão oportunidade de reduzir os custos de descoberta de drogas e levar a novas descobertas de tratamento que podem reduzir o custo de atendimento ao paciente”, acredita Michael Renard, 55, vice-presidente da empresa Organovo.

A ONG E-Nable usa dispositivos de montagem de mãos robóticas, principalmente em crianças. O risco de saúde ao paciente ocorre se houver negligência dos pais ao manusearem o equipamento e pela duração dos mesmos na criança. “É muito importante que os pais

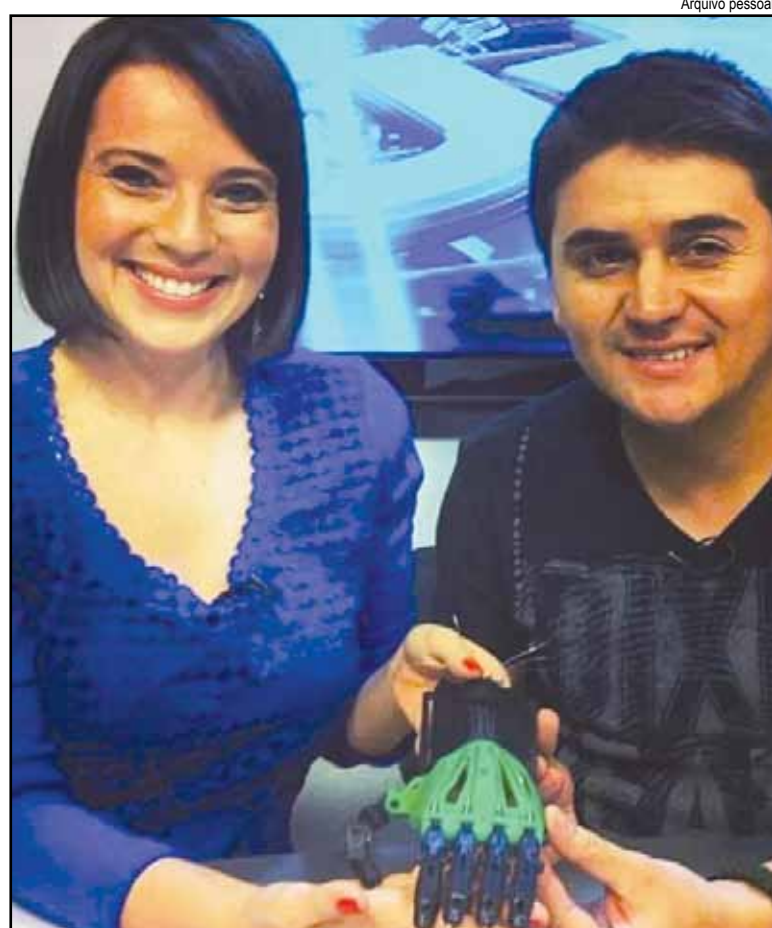
se certifiquem de que eles estão trabalhando em paralelo com o médico da criança”, explica Jen Owen, Fotógrafa e representante da E-Nable.

No Brasil, a entidade pioneira CTI (Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer) atende apenas o Sistema Único de Saúde (SUS). “No Brasil, não há qualquer custo envolvido para o paciente, caso seja encaminhado pelo cirurgião”, aponta Jorge Vicente Lopes da Silva, chefe da divisão de tecnologias tridimensionais do CTI. O centro desenvolve e envia os casos para qualquer hospital no Brasil e até para alguns no exterior.

Recentemente, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) firmou uma parceria com o CTI para regulamentar a tecnologia. “É permitido implantar em um paciente uma peça produzida em impressora 3D, mas esta está sujeita a regulação sanitária”, diz Lilian Regina Barbosa, representante da ANVISA.

Para Silva, a ferramenta irá auxiliar na formação de novos médicos. “Temos nos empenhado para treinar, disponibilizar e difundir estas tecnologias em residências médicas e universidades.”

O recurso tem boas perspectivas. “Buscamos aumentar a ca-



Arquivo pessoal

Mão robótica criada pelo brasileiro Marcelo Botelho

pacidade deste convênio para o atendimento universal e, ao mesmo tempo, ofertar treinamentos a vários centros e universidades brasileiras nesta área”, comenta Silva. “Esperamos que estas tecnologias venham a ser de acesso a todos em curto e médio prazo”, enfatiza.

Para colaborar com o desenvolvimento da impressão, o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos lançou o site (3dprint.nih.gov) dedicado ao compartilhamento de arquivos para impressão em 3D, relacionado à saúde e à ciência.

## Não contém glúten

Pessoas que sofrem de doença celíaca relatam busca por produtos especiais

ALBERTO NASCIMENTO  
CINTIA VASCONCELOS

Sair para jantar ou ir a uma festa costuma ser um lazer bastante comum e descomplicado para muitas pessoas. Porém, não é tão simples para um celíaco. Um levantamento feito pela Unifesp, em 2007, indica que 0,5% da população brasileira é intolerante ao glúten. Conforme a Organização Mundial de Gastroenterologia, o percentual é o mesmo em escala mundial. Parece pouco, mas significa que quase 1 milhão de pessoas no país precisa excluir do cardápio opções cotidianas, como massas, pães, bolachas, bolos, tortas, pizzas e até mesmo a cerveja.

O glúten é uma proteína presente no trigo e em outros cereais. “Falta algo durante a diges-

ção que impede meu intestino de absorver o glúten” explica Rafael Petroni, 26, portador da doença celíaca. O transtorno é caracterizado pela ausência da enzima responsável por sintetizar a proteína, e a doença pode apresentar diversos sintomas como, por exemplo, diarreia, dores abdominais e reações semelhantes à alergia, entre outros.

A dona de casa Wanda Santos de Santana, 60, tem uma dificuldade ainda maior: além da intolerância ao glúten, a lactose também faz parte de suas restrições alimentares. “Eu não sabia, mas quase tudo o que tem no mercado hoje contém glúten ou lactose. Tenho que ficar atenta até

aos temperos mais básicos do dia a dia”, comenta.

Por não possuir tratamento a única alternativa ao alcance dos celíacos é a dieta livre de glúten. “Eu descobri a intolerância faz cinco anos. Antes era difícil encontrar as coisas, mas hoje há lojas em todo lugar” declara Rafael. Entre 2009 e 2013 o mercado de itens sem glúten cresceu entre 20% e 30%, “mas ainda falta variedade” completa.

Entretanto, o consumo desses itens não é uma solução ideal. Um produto gluten-free - denominação dada aos itens sem glúten - pode ultrapassar o dobro do valor de sua versão comum. “Mesmo com a opção de comprar farinhas sem glúten - como de arroz e batata - e eu próprio fazer as coisas, ainda fica muito caro”, esclarece Rafael. “Outro problema é a falta de informação,” sinaliza “mesmo que o cardápio de algum lugar tenha opções seguras, se eu pergunto

“Não sabia, mas quase tudo no mercado hoje contém glúten ou lactose”

(Wanda Santos  
Dona de casa)



Cintia Vasconcelos

Wanda Santos: alimentação sem glúten

algo para ter certeza ninguém sabe responder ao certo”.

Uma solução encontrada por Wanda aos preços altos dos produtos foi a de comprar sempre na mesma loja. “A Mundo Verde disponibiliza um cartão fidelidade. Quanto mais eu utilizo, maior o desconto ou as vantagens nas próximas compras. Considerando a quantidade de produtos que utilizo, compensa bastante”, afirma. “Além disso, no próprio supermercado eu encontro linhas alternativas com produtos glutenfree de

marcas já conhecidas e não especializadas. Está muito mais fácil de encontrar”, complementa.

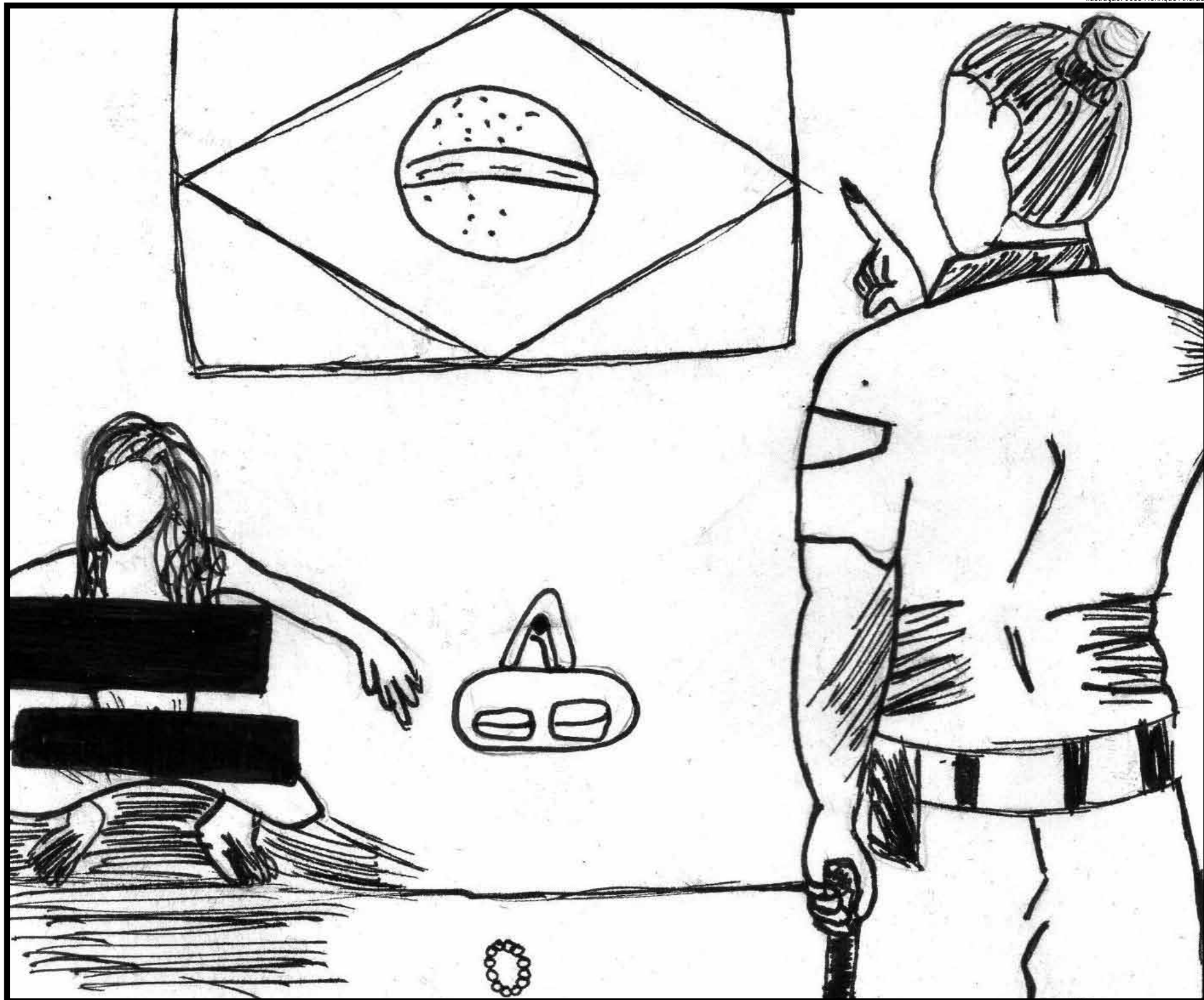
Não são apenas os celíacos que propulsionam o mercado glutenfree. São cada vez mais comuns dietas livres da proteína, atraindo aos poucos a atenção do grande público para estes produtos “chefe da minha cunhada descobriu que é mais saudável, então decidiu parar de comer” diz Wanda. Fica claro que a expansão do setor é um movimento que tende a continuar e acelerar.



# Presídios ferem os direitos da mulher

*Revista íntima nas penitenciárias é criticada por entidades da sociedade civil por conta de constrangimento; Projeto de lei pede mudanças*

Ilustração: José Henrique Andrade



**HELOISA PENTEADO**  
**RAPHAELA DIAS**

“Eles me mandavam tirar toda a roupa, abaixar três vezes de frente e três de costas. Pediam para eu sentar nua em um banco, verificavam os meus cabelos, entre outras coisas. Sou contra, mas era melhor do que não visitá-lo.” O relato é da jovem Larissa Mendes, 20, que passava pela revista íntima, quando visitava o namorado preso, acusado de roubo.

A revista íntima consiste numa medida de segurança nos presídios do País. Foi criada com o intuito de impedir visitantes de entrar nos presídios com objetos ou substâncias proibidas. Além da revista obrigatória, as pessoas também passam por um detector de metal.

As mulheres são obrigadas a tirar as roupas, agachar mais de uma vez, tossir,

abrir as genitálias com as mãos e mostrar o ânus. Algumas penitenciárias exigem exame ginecológico ou de reto, feito pelos próprios agentes penitenciários, sempre do mesmo sexo.

Para o defensor público e coordenador do Núcleo Especializado de Situação Carcerária da Defensoria Pública de São Paulo, Patrick Cacicedo, a revista íntima é “uma violação brutal da dignidade das pessoas que visitam seus amigos e familiares presos. É uma prática inconstitucional e que nunca foi permitida por qualquer norma brasileira”.

Segundo pesquisa da Rede Justiça Criminal, a partir de dados fornecidos pela Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo (SAP), realizada de 2010 a 2013, apenas em 0,03% dos casos foram encontradas irregularidades.

No entanto, há quem defenda a

prática. Amanda Petri, 19, faz visita ao pai preso nos finais de semana. “Ela é constrangedora, mas necessária, pois com todo esse procedimento as pessoas conseguem entrar com ‘coisas’ erradas. Sou a favor, pois não vejo outro método”, afirma.

A Pastoral Carcerária Nacional, que luta pela promoção da dignidade humana por meio da presença da Igreja nos cárceres, reprime a revista. “A revista vexatória é simplesmente para oprimir o parente da pessoa presa, mostrar quem tem o poder e quem não o tem e mostrar o preconceito, supondo que quem visita o preso é automaticamente suspeito de ilegalidades.”

A revista íntima é considerada constrangedora e desumana por muitos. Há, inclusive, diversas entidades da sociedade civil ligadas à defesa dos direitos humanos que a caracterizam como “ve-

xatória” e propõem projetos de leis pedindo mudanças ou o fim do método.

## Projeto

O projeto de lei PL 480/2013, da senadora Ana Rita (PT-ES), pede mudanças nos procedimentos dos presídios, como o desnudamento total ou parcial do visitante. Propõe a revista manual dos pertences e a utilização de equipamentos eletrônicos.

No primeiro semestre de 2014, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado aprovou o projeto. A proposta será levada às Comissões de Direitos Humanos e Minorias; Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado e Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos deputados, antes de ser sancionada ou vetada pela presidente Dilma Rousseff.



# Resto de comida pode virar adubo

*A dificuldade em saber o que fazer com os restos, fez surgir um novo mercado de produção desse material na cidade*

**PAULO PAVIONE**  
**LARISSA VITORIANO**

Recipientes cheios de lixo acumulado são itens que compõem a rotina diária dos moradores de São Paulo, porém muitos materiais orgânicos podem ter um destino diferente do lixo. Depois de um processo, viram adubo orgânico.

É possível produzir adubo em pequena ou larga escala, desde restaurantes que produzem toneladas de lixo orgânico até aquela casca de banana jogada no lixo residencial.

Para cada tonelada de resíduos orgânicos transformados em adubo (compostagem), evita-se a emissão de 1,05 tonelada de gás carbônico (CO<sup>2</sup>). Isso corresponde à emissão poluente de 54 carros a gasolina per-

correndo uma distância de 100 quilômetros.

Denise Moura Leite, bióloga e fundadora da Ação Ambiental, afirma que qualquer resíduo orgânico pode ser decomposto por bactérias aeróbias de forma controlada, que resultará em composto orgânico, um adubo natural. “Quando falamos de compostagem caseira, existem alguns tipos de resíduos que não são aconselháveis utilizar, como restos de carnes e cascas de côco, pois possuem decomposição mais lenta e necessitam de mais cuidado para ser compostado adequadamente”, explica.

Além de proporcionar a utilização de itens que são descartados, o adubo orgânico possui mais uma infinidade de benefícios para a natureza. “O composto orgânico possui uma mi-

crovida muito importante para deixar o solo mais permeável, e menos compactado, pois deixa espaços no solo que armazenam água e ar. Ao contrário dos adubos químicos, o adubo orgânico não é tóxico e, portanto, não contamina o lençol freático e as próprias plantas e solo.”

Segundo a Lei Municipal N.º 14.973, os grandes restaurantes e empresas são obrigados a buscar um rumo alternativo para o lixo. Entretanto, com a grande dificuldade em relação ao trabalho da decomposição e transformação em adubo, restaurantes que descartam seus restos de comidas não sabem desta novidade. Paolo Henrique, proprietário de um restaurante há 15 anos, em Ferraz de Vasconcelos, conta que desconhece a compostagem: “Acredito que é ótimo para o meio ambiente, porém, particularmente, acho difícil trabalhar com este processo novo”, argumenta.

## Compostagem

O processo da compostagem varia de acordo com a técnica utilizada. “A ideia é fechar o ciclo ‘do prato ao prato’. Todo



Paulo Pavione

Restaurantes aderem a iniciativas de compostagem

tipo de resíduo orgânico, gerado pelos restaurantes, pode ser tratado, incluindo pré e pós-preparo. O Instituto Guandu implementa a triagem no local, realiza a coleta seletiva, faz a compostagem em unidade de processamento própria e fomenta a agricultura urbana orgânica, devolvendo a colheita para os restaurantes”, conta Fernanda Daleone, proprietária do Instituto Guandu, que possui como um dos seus

parceiros o Restaurante Épice, do chef Alberto Landgraf, que tem reciclado mais de uma tonelada de resíduos orgânicos e transformado-os em adubo.

Antes, o destino eram os aterros e lixões, que geram vetores poluentes, como chorume e gás metano. Por ser um assunto pouco difundido, mesmo entre profissionais específicos da área, o número de empresas que oferece esse tipo de serviço ainda é restrito

# Brasil deverá ter 246 milhões de celulares em 2015

*Mercado prevê aumento de cerca de 108% no consumo de tecnologia*

**GUILHERME ANDRADE**  
**JULIANA DOMINGUES**

Presente na vida de milhares de pessoas, a tecnologia se tornou, para muitos, indispensável. O consumo excessivo de seus recursos tem modificado intensamente a sociedade atual e a previsão é que seu avanço seja ainda maior nos próximos anos.

Segundo um estudo realizado pela empresa Cisco, uma das maiores fabricantes de equipamentos para redes, o futuro está nos softwares para dispositivos móveis. Em 2018, haverá cerca de 21 bilhões de usuários só em dispositivos e conexões de rede, equivalente a 51% da população mundial. O estudo estima que até 2015 o número de celulares no Brasil será de 246 milhões, cerca de 1,2 celular por habitante. Já os dados levantados pela FGV preveem o aumento no número de computadores, incluindo tablets, para 136 milhões. Segundo a pesquisa, 2016 é o ano previsto para que haja um computador por habitante no Brasil.

O analista de T.I do site Infojobs, Fábio dos Santos, 27, afirma que se trata de uma área

imprevisível. “Se for medir o avanço da tecnologia, ela evoluiu mais rápido do que o desenvolvimento do automóvel que conhecemos hoje”, reflete. “A tecnologia conseguiu aproximar quem está longe (geograficamente), mas por outro lado, conseguiu distanciar quem está perto”, acredita Fábio.

Esta globalização tecnológica também trouxe aos seus usuários novas formas de relacionamento, trouxe maior acessibilidade e possibilitou as pessoas a irem mais longe, sem necessariamente saírem de suas casas. Mas também facilitou a invasão da privacidade, devido à fácil disseminação de conteúdo e anonimato.

## Segredos Revelados

O aplicativo “Secret” provocou polêmica nas redes sociais, pois permitia que os usuários divulgassem segredos próprios ou de amigos anonimamente com a conta do Facebook. Tornou-se uma febre, com mais de 1 milhão de downloads apenas na loja de aplicativos Google Play. Devido à sua popularidade, foi usado também para expor informações confidenciais, di-



Guilherme Andrade

Smartphones ganham cada vez mais mercado

famatórias, além de fotos íntimas dos usuários.

Após denúncias, a Justiça brasileira lançou uma liminar para que a Apple e o Google Play removessem o aplicativo dos aparelhos. A medida foi cumprida em partes, pois o “Secret” foi excluído das redes de downloads, mas quem ainda tem consegue usá-lo sem restrições.

A falta de privacidade e a exposição que a internet causa foi o principal motivo para o

casal Karla Silva, 21, e Leandro Barros, 23, deixar de lado as redes sociais. “Percebemos ao longo do tempo que as redes sociais mais atrapalhavam do que ajudavam o nosso relacionamento”, conta Karla. Juntos há mais de 3 anos, acreditam que o relacionamento está melhor assim. “Ao interromper o uso, percebemos que estamos muito mais próximos um do outro e as brigas de certo modo diminuíram também”, comenta o casal.

## Gerações da Tecnologia

A introdução da tecnologia no cotidiano motivou a aposentada Regina Gurgel, 60, a se integrar com as novas ferramentas para facilitar seu dia-a-dia. “Hoje a maioria das coisas você pode resolver pela internet. Procurei aprender para me livrar das filas em bancos, INSS. Hoje já faço tudo: compras, envio documentos, tenho e-mail, além de contas no Facebook e WhatsApp, que me possibilita ter mais contato com minhas irmãs, filhos e agregados”, brinca Regina.

A pequena Maria Eduarda, 5, adora assistir desenhos animados e ir à escola, mas, sempre que pode, usa o tablet e o celular da mãe Marcia Dias, 42, para se divertir com joguinhos online. “Baixei o WhatsApp há pouco tempo e ela aprendeu a mexer mais rápido do que eu!”, comenta Marcia. Maria utiliza sozinha o aplicativo para falar em mensagens de voz com o grupo da família. “Não a deixo fuçando em tudo sem minha permissão, mas admito que é difícil segurá-la nesse sentido, ela é muito inteligente”, assume a mãe.



# Soltos no ar

*Paraquedismo é uma das modalidades mais praticadas entre os amantes de esportes radicais*

**CAROL FIGUEIREDO  
DIEGO VIEIRA**

A busca por adrenalina é a grande diversão de muitas pessoas e uma ótima forma de satisfazer esse desejo é saltando de paraquedas. A vontade de “voar”, mesmo que por alguns segundos, encoraja centenas de pessoas a saltarem. Para o analista de comunicação Willian Bezerra, 24, o salto duplo é a maneira mais fácil e divertida de experimentar a atividade. “Não exige experiência, só muita coragem: jogar-se, literalmente, de 3.800 metros de altura”, revela, com entusiasmo.

Todos os anos o esporte atrai um grande público ao município de Boituva, localizado no interior do Estado. A cidade tem uma das maiores e mais movimentadas áreas de salto do mundo, com as principais empresas que oferecem cursos e a oportunidade de saltar no Brasil.

Intitulado como um esporte radical, o paraquedismo é conhecido por seus riscos e, por esse motivo, encontra certa dificuldade para expansão no país. O instrutor militar Marcos Lima, 45, acredita que isso ocorre devido à falta de patrocínio das empresas e apoio do Governo. “As grandes companhias têm medo de atrelar suas marcas a um esporte considerado perigoso”, afirma.

Paraquedistas com forma-

ção internacional acreditam que possam existir outros fatores que inibam as empresas a patrocinar o esporte. O instrutor Flávio Peres, 33, diz que a prática “depende dos equipamentos que você utiliza, do respeito às normas de segurança e, principalmente, da sua atitude. Prefiro saltar a dirigir um carro”, conta.

“A evolução que o paraquedismo teve nos últimos anos só aconteceu porque os atletas brasileiros são ‘porreta’ e correm atrás”, diz Marcos Ramos, instrutor há 20 anos. Por parte do governo, existe a Lei do Incentivo ao Esporte, que permite que empresas e pessoas físicas invistam parte do valor que pagariam no Imposto de Renda em projetos esportivos aprovados pelo Ministério do Esporte. As empresas podem investir até 1% e, as pessoas físicas, até 6%. O programa não possui um grande número de adeptos, pois, além da pouca divulgação para as empresas, depende do interesse do investidor em procurar um projeto para apoiar.

Apesar de contar com profissionais de alto nível técnico, devido a essa falta de incentivo, o Brasil fica a um passo atrás no paraquedismo de competição. Isso faz com que os atletas nacionais participem de campeonatos fora do país. “Cada modalidade tem um campeonato mundial diferente. Recentemen-

te, participei do World Cup of Canopy Piloting, direcionado a quem pratica pilotagem de velames”, acrescenta Flávio.

Ainda que a prática no Brasil esteja atrás em relação ao panorama mundial, a velocidade, a altura, o visual, o desafio e a beleza proporcionados pelo esporte o tornam muito visado, principalmente pelo público jovem. “O esporte radical, em geral, está cada vez mais em alta e as pessoas que têm a oportunidade de conhecê-lo se encantam”, orgulha-se Marcos Ramos.

## PILOTAGEM DE VELAMES

Caracterizado como uma modalidade do esporte, a Pilotagem de Velames é uma técnica em que o paraquedista utiliza uma asa feita em tecido para reduzir a velocidade da queda e permitir uma navegação e pouso seguros. Além do Campeonato Brasileiro e Latino Americano, os praticantes brasileiros podem participar do World Cup of Canopy Piloting, campeonato que reúne profissionais de todo o mundo anualmente.

Fotos: Arquivo Pessoal



O preparo físico para prática do paraquedismo é essencial para um bom salto; idade não é obstáculo



# Futebol Americano “made in Brasil”

*Esporte ganha cada vez mais espaço no País e conquista fãs de ambos os sexos*

**PAULO HENRIQUE SOUZA  
RÚBIA ROMANA**

Uma pesquisa divulgada, durante a copa do mundo no Brasil, constatou que o futebol da bola redonda é o segundo esporte mais praticado pelos jovens nos Estados Unidos. Se por lá, o “soccer” está cada vez mais popular, o “Football” deles também vem ganhando muitos fãs e praticantes aqui no país. Mesmo que ainda disputada de forma amadora, o Torneio Touchdown, que é o campeonato nacional de futebol americano, criado em 2009, já teve até suas partidas transmiti-

das pelo canal BandSports.

É por ser uma liga praticamente amadora, a maioria dos atletas precisa contribuir com os times, e ainda praticar academia e treinos específicos, pagando de seu próprio bolso. Cauê Martins, publicitário, 26 anos, atleta do Corinthians Steamrollers, acha que o esporte tomou uma boa proporção aqui no Brasil, devido aos canais ESPN, que possuem a maior audiência nos horários em que transmite a NFL, principalmente de jovens entre 18 a 24 anos. Mas aponta, também, que a internet é um grande meio de popularização do esporte no país.

O “futebol brasileiro” e o

“soccer americano”, só não possuem diferenças nas regras, pois se tratando de organização e estrutura, a MLS (Major League Soccer), que é o campeonato nacional deles, faz com que a organização do futebol brasileiro pareça um tanto equivocada, se levarmos em consideração que a MLS é uma liga profissional de apenas 19 anos.

Mas em busca de alguma organização, por mais precária que seja, os times criaram a Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA) em 2001. Alguns times de futebol Americano buscaram se afiliar com clubes de futebol, para que pudessem usufruir de uma mínima condição de treino e preparo para o Torneio Touchdown que, na temporada de 2013/2014, contou com 20 equipes de todos os países. Mas, além dessa confederação, existe uma outra chamada: Futebol Americano Brasileiro (FABR), que também organiza seus campeonatos, assim, dividindo o público que já é por sua vez bem pequeno. Raphael da Cruz, 29 anos, geren-

te comercial acha que a melhor maneira de um time divulgar seu nome hoje é através da participação do Torneio Touchdown, criado por Luis Silva, filho do ex-presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, que devido à sua grande influência, o seu campeonato é transmitido há 3 anos pelo Bandsports.

Marília Spada, 24 anos, estudante, acompanha a NFL desde 2006 e disse que se apaixonou pelo esporte sem querer, mas que hoje admira cada detalhe que o esporte possui. Tudo milimetricamente pensado, como um tabuleiro de xadrez, apesar de parecer tudo improvisado. Hoje Marília também acompanha o futebol americano no Brasil. Torcedora do Corinthians Paulista, não teria como não torcer para o Corinthians Steamrollers, e gosta de acompanhar, pois acha que o esporte no país tem sim um futuro.

Além da diferença da organização, a diferença técnica é algo que também deve ser levado em consideração, pois nos Estados Unidos, os meninos crescem jo-

gando futebol americano, desde os 7 anos de idade eles começam a treinar no time da escola e seguem assim até um dia chegarem na liga profissional. Aqui no Brasil, a maioria dos jogadores começou a praticar o esporte depois dos 20 anos. Existe uma diferença enorme entre os dois tipos de atletas.

Mas como já narrou jogos da NFL e hoje trabalha nos jogos do Torneio Touchdown, o narrador esportivo Ivan Zimmermann acha que, no Brasil, o esporte está se desenvolvendo bem, mesmo que ainda esteja engatinhando e gosta de ver a maneira com que os jogadores brasileiros se entregam durante o jogo.

Se por lá eles esbanjam organização esportiva, por aqui nós continuamos vivendo nossa ardente paixão pelo futebol da bola redonda. Mesmo que flertemos com esportes novos e extremamente interessantes, e também mesmo sabendo que o “nosso futebol” não foi criado por nós, Charles Miller não precisou batizar o esporte com o nome de “brazilian football” para o mundo todo saber que o futebol é nosso.



# Animação brazuca em crescimento

*Criatividade e profissionalismo de brasileiros ganham projeção mundial*

**TAINÁ ROBERTA**  
**VICTÓRIA MAGALHÃES**

do, a tendência é que cresça ainda mais”.

## Animação e Indústria

Muitos animadores tinham como influência apenas as grandes produções Pixar/Disney, mas, de um tempo para cá, elementos nacionais e latino-americanos criaram caminhos autorais, como as animações premiadas em Annecy. “A animação está se popularizando, conquistando seu espaço. E muito disso se deve às pessoas que não quiseram abrir mão da sua infância”, diz Elton James Padeti, 32, diretor criativo no estúdio UDES.

Porém, ainda há dificuldades pela falta de incentivos fiscais desde a produção até o marketing. Os profissionais da área se dividem em dois caminhos.

Alguns defendem a criação de uma indústria da animação, onde cada projeto é destinado a ser um produto lucrativo. Outros valorizam a poesia enquanto imagem, ficando ao dispor da arte e de um reconhecimento que pode acontecer ou não.

De qualquer forma, não se pode negar que as animações influenciam na construção da identidade das crianças. O estudante de cinema Sérgio

Com o recente bicampeonato brasileiro no Festival francês Annecy, o Cannes da animação, com “Uma história de Amor e fúria”, de Luiz Bolognesi, e “O menino e o Mundo”, de Alê Abreu, o cinema de animação nacional ganhou projeção.

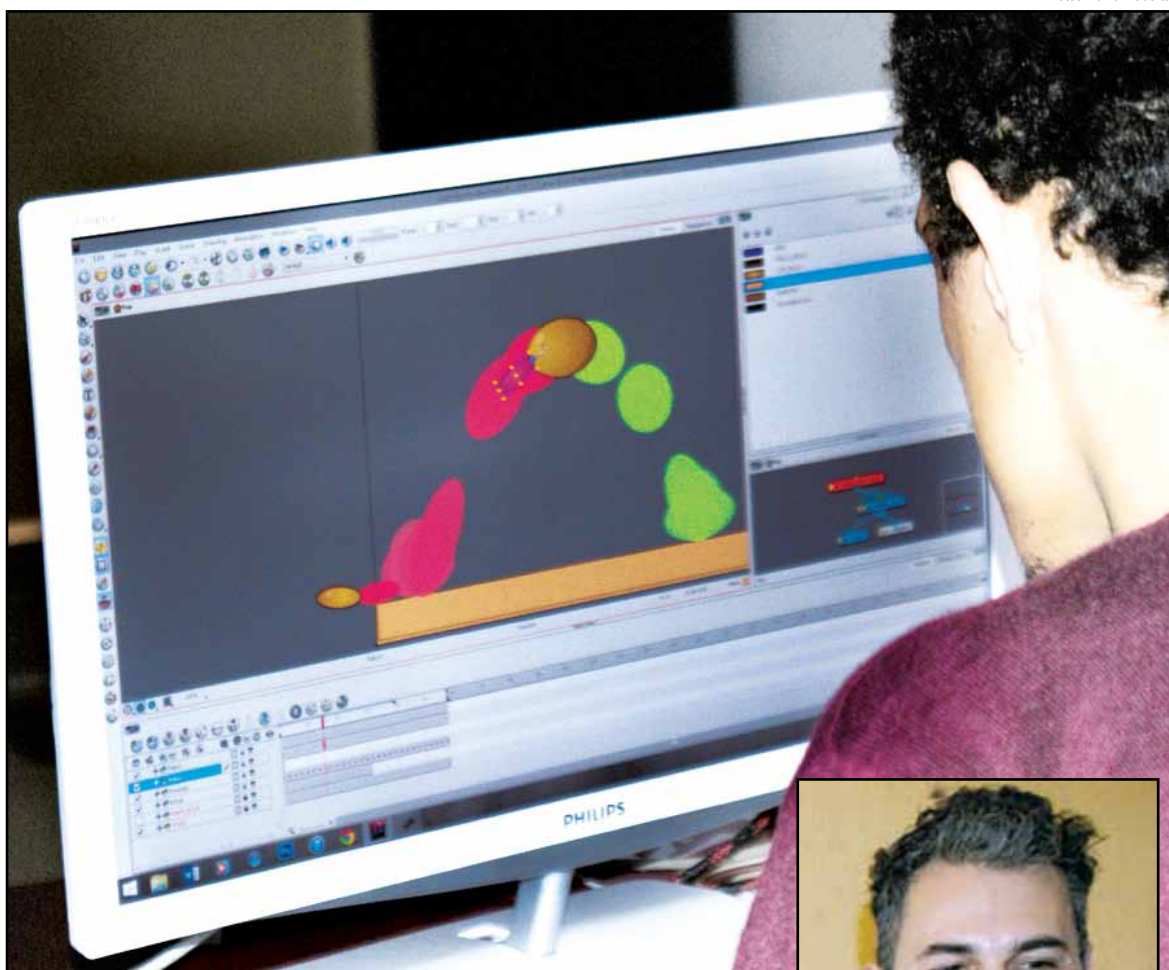
Segundo Abreu, um dos fatores para o sucesso é a globalização da animação. “Não existe diferença entre crianças e adultos, todos gostam dos filmes com a mesma intensidade e emoção”.

O avanço da tecnologia adaptou as técnicas de produção feitas manualmente com acetatos e os animadores passaram a usar novos softwares, o que agilizou o processo. Por outro lado, colaborou com a padronização dos traços. “James Cameron teve a ideia para Avatar em 94, 95, e só conseguiu filmar há uns anos atrás”, diz Lucas Bispo, 19, estudante.

É possível observar o crescimento qualitativo das produções brasileiras. Os profissionais da área estão se especializando cada vez mais e isso gera resultados consideráveis. Segundo Bruno Mendes, 32, arte educador, “com a lei de incentivo à produção nacional de conteú-

**“A animação está se popularizando, conquistando seu espaço.”**

(Elton James Padeti, diretor da UDES)



Fotos: Tainá Roberta

**Alê Abreu, diretor de “O Menino e o Mundo”: animação brasileira ganha projeção mundial**



de Oliveira, 20, exemplifica: “Aprendemos com o Dick Vigarista que trapacear é errado. Aprendemos com Goku que podemos nos unir ao mundo todo apenas fazendo um movimento. As animações sempre tiveram muito o que ensinar”.

Desde a geração que cresceu e esqueceu de trocar de canal, desenho animado deixou de representar apenas bonequinhos se mexendo em uma tela. Animação é um mercado amplo e cheio de vertentes, da TV ao cinema, é coisa de gente grande.

## Belas Artes é casa do cinema de rua

*Com filmes cults e independentes, o local reabre e atrai espectadores na capital*

Haddassah Zucoloto



**GABRIELA LEMOS**  
**HADASSAH ZUCOLOTO**

O paulista que procura por uma programação cinematográfica alternativa têm onde encontrá-la: no Cine Belas Artes. Localizado na Consolação, região de São Paulo conhecida pelas diversas opções de cultura e lazer, é um dos principais pontos de referência para os apreciadores do cinema de rua.

“Lá vemos filmes de diversas nacionalidades, com discussões sobre sexualidade, preconceitos, cultura, sentimentos, religião, entre outros” afirma a jornalista Viviane Ferreira, de 30 anos.

Ela, que tem atração por filmes de artistas como Woody Allen e Tim Burton, frequenta o Cine desde 2007 por considerar a programação bem mais interessante que as dos cinemas habituais.

São filmes que estão fora do circuito comercial, independentes em sua maioria, mas que mantêm um público fiel à essência do cinema, preservada desde sua inauguração em 1943.

Além disto, o Belas Artes se

preocupa em deixar os filmes em cartaz por um longo período, para que o espectador possa assistir mais de uma vez. Um exemplo disso é o filme “Medos privados em lugares públicos”, do diretor Alain Resnais, que foi exibido por cerca de 3 anos. “É legal poder ver o filme mais de uma vez na telona” comenta Viviane.

Por trás dessa satisfação está Bárbara Sturm, 24 anos, diretora de programação do cinema. Filha de André Sturm, administrador e um dos responsáveis pela reabertura em 2004, ela ressalta que eles buscam sempre manter o bom gosto e a qualidade. “Os filmes são assistidos com antecedência e escolhidos de acordo com o interesse do nosso público naquele produto” conta. “Estamos em um momento que os cinemas de rua voltarão a ser mais interessantes que os de shopping, pois as pessoas querem cada vez mais um programa diferenciado, e ir ao shopping é a mesma coisa, indo a qualquer um. Ir ao cinema de rua é uma experiência única, que só se tem ali” argumenta Bárbara. A ci-

dade de São Paulo conta, atualmente, com dez cinemas de rua ativos, incluindo o Belas Artes.

E para manter e renovar o interesse do público, o Belas Artes conta com alguns eventos frequentes. O “Noitão”, uma exibição noturna de filmes, envolve uma seleção em um horário especial para aqueles que não podem assistir no período “comercial”.

As exposições ocorrem sempre na terceira sexta do mês, a partir das 23h30 até a manhã de sábado. Outra opção é o Cineclube, que exhibe filmes clássicos e cults. Quatro filmes, com um mesmo tema em comum, são expostos ao longo de quatro semanas, sempre aos sábados e quartas.

O cartoonista Kell Malone, 40 anos, frequenta o cinema desde 2001. “Eles permitem o acesso a filmes que são verdadeiras obras, e não superficiais como os da maioria dos cinemas” comenta.

A publicitária Bárbara Queiroz, de 24 anos, reforça que devemos manter a cultura da cidade acesa. “Pra mim, é vital, ainda mais quando se alia a um preço justo” conclui.



# Formação de comunicadores

*Com o pontapé inicial das professoras Cleusa Sakamoto e Isabel Silveira, a coleção de livros Cadernos de Comunicação surge para auxiliar nos estudos acadêmicos*

**KATHLEN RAMOS**  
**MARIA GABRIELA ABELARDO**

**C**oleção de Cadernos de Comunicação. É assim que, mais uma vez, a Paulus, em parceria com FAPCOM, inova no ano do centenário de fundação. Trata-se de uma coleção de livros realizada pelos professores da faculdade para auxiliar os alunos nas aulas e pesquisas.

O padre Valdir José de Castro, diretor da faculdade, ressalta a importância de que o curso dê os conteúdos necessários. Porém, além de desenvolver os conhecimentos de cada habilitação, é preciso que haja oportunidades de progredir após o fim do curso. “O centro de pesquisa que está se desenvolvendo é justamente para o aluno terminar a faculdade com uma produção científica, agregando conhecimento e uma profundidade maior em sua escolha de habilitação”.

A coleção traz como primeira obra “Como fazer projetos de Iniciação Científica”, das professoras Cleusa Sakamoto e Isabel Silveira, com a intenção de ser uma base sólida para todos os alunos em seus futuros trabalhos acadêmicos.

Segundo a professora Cleusa Sakamoto, os projetos de Iniciação Científica são uma prática da formação profissional. “Esta coleção vai abarcar os cursos da FAPCOM e todos os temas básicos de Comunicação. Os professores são convidados a escrever a temática que são ministradas nas aulas e que são de interesse acadêmico para formação de comunicadores”, acrescenta.

A produção começou há um ano e meio, e possui como principal característica ser escrita pelos professores, conforme afirma Claudenir Módolo Alves, coordenador do núcleo de pesquisa e extensão. “O professor não está escrevendo um

artigo científico, mas traz um status da questão científica naquilo que a comunidade acadêmica tem por conhecimento.”

Uma das funções do núcleo de pesquisa e extensão é estimular a produção acadêmica, seja docente ou discente. Busca instigar os alunos para que haja uma melhora significativa em seus futuros trabalhos. “A coleção pretende trabalhar com todas as habilitações de comunicação. Ela tem os conteúdos específicos e interdisciplinares”, completa Alves.

Com o livro “Estratégias do olhar fotográfico: teoria e prática da linguagem visual”, o professor Adriano Miranda pretende fornecer ao leitor uma linguagem facilitada para a criação de uma imagem com forte potencial comunicativo. “Foi desafiador escrever de forma direta e simples conteúdos complicados. Antes só havia escrito textos acadêmicos, onde o formalismo exige uma escrita específica. No caso des-



Kathlen Ramos

**Professoras Isabel Orestes e Cleusa Sakamoto, autoras do primeiro livro da Coleção Fapcom: projetos de Iniciação Científica**



te livro, os conteúdos deveriam ser mais amigáveis, sem perder a profundidade. A proposta é voltada ao público da graduação, então deve servir como um guia de estudos e, ao mesmo tempo, estimular exercícios práticos de fotografia”, explica.

A coleção que está em processo de desenvolvimento

conta com mais professores da faculdade, para que haja um maior aproveitamento dos alunos em seus respectivos cursos. Além do professor Adriano, que está em processo de produção, a caminho virá a obra do professor Marco Júlio Sergi e muitos outros que estão começando o projeto.

## Terceira Idade tem novidades

*Com aulas na área de Humanidades, Comunicação e Tecnologia, alunos buscam aprimoração técnica e cultural*

**AMANDA FIRMINO**  
**LUCAS CAMPOS**

**C**om cursos diferenciados, com quatro semestres de duração, a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM – abre as portas para Cursos da Melhor Idade para pessoas acima 40 anos. Os cursos são oferecidos desde 2005 e têm o intuito de fortalecer a importância do valor social e auxiliar os alunos a assimilarem suas necessidades e anseios, divididos em eixos de Humanidades, Comunicação e Tecnologias.

O eixo Humanidades é voltado à fundamentação filosófica, cultural e sociológica sobre o

existir humano. Em Comunicação o estudo é direcionado à compreensão da sociedade contemporânea tecida pelos meios de comunicação. O estudo em Tecnologias se orienta pelo aprendizado e prática de recursos fundamentais em tecnologia e comunicação. Estes eixos formativos atendem às demandas exigidas pela vida na atualidade, além de analisarem tópicos para uma melhor qualidade de vida na maturidade.

A aluna Maria Lúcia, 60, conta que quando terminou o ensino médio precisou trabalhar, cuidar da casa e dos pais, faltando tempo para os estudos. Porém, anos depois, fez uma

poupança que lhe possibilitou começar um curso preparatório de enfermagem. Maria trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, durante 25 anos, até se aposentar, mas mesmo após a aposentadoria não se acomodou e decidiu começar um curso de Melhor Idade da FAPCOM. “Acabei conhecendo o curso da melhor idade na FAPCOM, quando passei pela faculdade e resolvi entrar para conhecer. Tudo mudou depois que fiz o curso! Meus filhos, netos e amigos me tratam diferente, me sinto mais nova e mais confiante. O que mais gostei no curso é que estou aprendendo coisas novas e saindo um pouco de tudo o que aprendi com a enfermagem”.

Os cursos são aplicados por professores atuantes na área da comunicação, com apoio de metodologias e material multimidiático. São discutidos em sala

aspectos do processo de amadurecimento biológico, intelectual, psicológico e social a partir de aulas teóricas e práticas, leituras específicas e entrevistas com profissionais do ramo.

Roberta Maria de Teixeira, 59, foi incentivada pela neta, aluna de publicidade e propaganda na Fapcom, a voltar a estudar, “Minha neta me indicou o curso porque, segundo ela, eu estava muito parada em casa e precisava ter algo com o que me ocupar. Então, no começo desse ano, decidi fazer o curso e estou até hoje.”

Os alunos praticam diálogos diversos em línguas estrangeiras, exercitam o canto em grupo pela participação na prática coral, aprendem a fazer o uso de novas tecnologias, renovam o contato com a cultura e com a arte, por meio de visitas a exposições, museus e galerias. Adquirem conhecimento científico e filosófico atualizados, moti-

vando a atividade intelectual, a partir de debates, leituras, palestras e atividades práticas que envolvem o corpo, mente e estimulem a criatividade.

Todas essas atividades oferecidas pelos cursos mudaram a vida de Roberta, “Muita coisa mudou. Eu voltei a criar um horário e ter disciplina, porque antes eu não tinha nada para fazer em casa. Antes, no máximo, lia uma revista de fofoca, passava o dia inteiro vendo programa de artesanato ou fazendo comida pra família. Depois do curso, voltei a olhar melhor para mim, as pessoas voltaram a olhar melhor para mim e eu até sinto vontade em fazer uma faculdade de jornalismo”.

Os cursos são ministrados todas às terças, quartas e quintas-feiras das 14hr às 17:15hrs. Mais informações e inscrições pelo telefone: 2139-8541. E-mail para contato: cursos.extensao@fapcom.edu.br.



# FAPCOM investe em infraestrutura

*Faculdade reforça acessibilidade e segurança do prédio com ajuda dos alunos; uso da CPA foi essencial nas mudanças*

**DIEGO SOUZA**  
**DIEGO TRANCOSO**

A FAPCOM desenvolveu um projeto de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais, que precisam de uma melhor infraestrutura para facilitar a locomoção no ambiente acadêmico.

Dentro das melhorias, foram instalados um piso tátil e novas sinalizações. Além disso, a instituição trocou o serviço de segurança e pretende colocar as catracas em funcionamento, o que melhora a segurança de quem frequenta o local. Somente alunos e funcionários terão acesso.

A faculdade também alterou o lugar de atendimento aos alunos, o que proporcionou mais agilidade na relação entre aluno e instituição. Segundo o padre Valdecir Uveda, pró-diretor administrativo, para 2015 estudam-se possibilidades de novas salas para grupos menores de alunos, por conta da nova grade das habilitações que são focadas em disciplinas específicas. Também existe a proposta de um novo laboratório direcionado para rádio/TV e multimídia. “Tudo que fazemos é sempre visando o melhor para os alunos”, comenta.

A diretoria também tem projetos de uma sala para que os professores desenvolvam suas atividades de pesquisa e auxiliem nos TCCS e projetos especiais.

Diversas ferramentas estão disponíveis para que qualquer sugestão, crítica ou elogio seja feito. A ouvidoria e a CPA (Comissão Própria de Avaliação), uma autoavaliação institucional são os principais meios de mudanças e melhorias tanto do prédio, quanto das disciplinas e projetos da faculdade. A CPA do 1º semestre de 2014, por exemplo, trouxe a mudança da gestão da cantina, e até o momento tem agradado muitos alunos e funcionários.

Outros projetos em andamento são a Agência Experimental, que está sendo ministrado pelo professor Vanderlei Postigo e o Apoio Psicopedagógico ao Discente. A Agência Experimental já selecionou alunos de PP (Publicidade e Propaganda).

O apoio Psicopedagógico, que é ministrado pela professora Cluesa Sakamoto, já ocorre e se destina a alunos que precisam de algum suporte por causa de lacunas deixadas pelos anos de estudos, tanto de assimilação, quanto de falta de conhecimento ou incentivo aos estudos. Em todas as mudanças, a participação do aluno é fundamental para que a vivência universitária atenda às suas necessidades.

Fotos: Diego Trancoso



**Piso tátil para deficientes visuais (acima), novas placas de informação de salas e pisos (abaixo e à direita), bem como inscrições em Braille nos corrimões: pensando na acessibilidade**

